

José Rosa Sampaio

*



A Guerrilha do Remexido no Concelho de Monchique

**

2.^a Edição
Monchique – 2006

Índice

Introdução	p.5
O Liberalismo e as Lutas Liberais	p.5
A Guerra Civil de 1832-1834.....	p.7
A Guerrilha de 1836-1840	p.10
Miguelistas Monchiquenses	p.15

Liberais Monchiquensesp.17
Bibliografiap.19

Introdução

Este trabalho, que agora aparece divulgado sob a forma de um ensaio mais ampliado, foi anteriormente publicado em duas edições do *Jornal de Monchique*¹.

Obviamente que não pretende ser um livro, mas sim uma forma de divulgar mais amplamente um contributo para a História de um período conturbado deste concelho.

Ainda hoje «o tempo dos guerrilhas» ocupa um lugar de relevo no imaginário de muita gente, sobretudo dos mais idosos, que o receberam e o transmitiram.

O protagonista deste período seria José Joaquim de Sousa Reis *Remexido*, uma espécie de figura romântica, que para uns foi um herói, uma vítima e um justiceiro implacável, e para outros um contra-revolucionário e um salteador.

A maneira como as façanhas do Remexido têm apaixonado tanta gente pode traduzir-se hoje na imensa bibliografia que sobre ele tem sido publicada.

No que me diz respeito, há cerca de meio século, ainda bastante jovem, indo pela serra a caminho de São Teotónio, acompanhado de familiares, foi-me mostrado o “Cemitério dos Guerrilhas”, onde ainda se viam umas toscas cruces de madeira gastas pelo tempo.

Aos interessados na continuação deste estudo sugiro como fontes de investigação as actas de vereação municipal;² os actos dos conselhos de guerra e os documentos de carácter militar existentes no Arquivo Histórico Militar; e os Livros Copiadores de Correspondência e os Assentos de Óbitos, do Arquivo Distrital de Faro, para além de outros documentos relativos às décadas de 1820-1840.

Nestes longos anos de lutas pelas causas absolutista e liberal, onde tanta coisa se passou, por certo não faltarão elementos para uma boa tese ou para uma publicação mais pretensiosa.

O Liberalismo e as Lutas Liberais

Tanto quanto temos conhecimento, o concelho de Monchique parece não ter ficado inerte aos alvares do Liberalismo, a partir da Revolução de 1820.

¹ *Jornal de Monchique*, n.º 230 e 331, de 20.12.2001 e 24.01.2002.

² Das quais se desconhece o paradeiro.

O proprietário rural e militar, Domingos de Melo, nato e criado em Marmeleite, e depois estabelecido em Lagos, foi um dos quatro deputados eleitos pelo Algarve às Cortes Constituintes, câmara que redigiria a Constituição de 1822³.

Por esse motivo seria perseguido em 1823, aquando da *Vila Francada*, tendo sido incluído na devassa movida aos maçons e liberais da cidade de Lagos⁴.

Por ocasião da sublevação liberal do Algarve, em 1828, foram nela implicados vários monchiquenses, cujos nomes constam da lista elaborada pelo Juiz-de-fora e do crime de Lagos, Nicolau de Sousa Estrela. Entre eles figurava mais uma vez o capitão Domingos de Melo; o capitão-mor de Lagos, João de Melo;⁵ o filho deste, o capitão José Maria Mascarenhas de Melo; e o alferes de milícias António Hipólito Cochado. Muitos outros permaneceram escondidos largos meses na serra, apesar das intensas buscas por parte das tropas de Lagos.

João de Melo seria preso, mas conseguiu invadir-se; Domingos de Melo não chegou a ser capturado e fez a guerra civil combatendo por D. Maria⁶; José Maria Mascarenhas de Melo fugiu para Inglaterra, tendo depois participado no cerco do Porto; António Hipólito Cochado esteve preso em S. Julião da Barra e depois de libertado, em Julho de 1833, teve patente de capitão e depois de major,⁷ tendo falecido em Pêra⁸.

A Guerra Civil de 1832-1834

Na sequência do desembarque das tropas liberais na Praia de Alagoa, no Algarve, comandadas pelo Conde de Vila Flor e futuro Duque da Terceira, a 24 de Junho de 1833, deram-se em Monchique, à semelhança de outras localidades, alguns tumultos a favor dos liberais, tendo sido aqui espancados vários partidários do absolutismo, entre os quais o Juiz-de-fora Luís Freire Craveiro, que veio a morrer dos ferimentos sofridos⁹.

Sabe-se também que na sua progressão na direcção do Alentejo e com a pressa de tomar Lisboa, parte destas tropas passaram por Monchique, como escreveu o coronel barão de Suarce, no seu *Journal de l'Expedition des Algarve* (1834).

Encontrando as povoações desguarnecidas e à sua mercê os miguelistas algarvios passaram ao ataque, a 18 de Julho, tendo conquistado rapidamente várias terras, à excepção de Lagos, Faro e Olhão, que durante o período se mantiveram como bastiões liberais.

A Mexilhoeira Grande foi a primeira povoação do concelho de Monchique a cair nas mãos dos realistas, que se vingariam das afrontas executando algumas das principais vozes liberais, nomeadamente o proprietário e comerciante António Vitorino Casquilho,¹⁰ e o alferes António José Vitorino (que era o Fabriqueiro da igreja), enquanto o padre Estanislau andou a monte durante meses¹¹.

Recorda o autor anónimo da *Memória dos Desastrosos Acontecimentos de Albufeira (...)*, que após o sangrento assalto a esta vila, a 26 de Julho de 1833, os sitiantes atiçariam a sua raiva e furor contra os de Monchique e Odemira, «saboreando antecipadamente os roubos e mortes que tencionavam aí perpetrar»¹².

De facto, o *Remexido* atacou Monchique a 23 de Agosto de 1833, motivado pelo desejo de vingar a morte do seu correligionário, o bacharel Luís Freire Craveiro¹³. Autores como José A. Guerreiro Gascon relatam as humilhações que sofreram os liberais e familiares que não lograram escapar, tendo alguns deles sido fuzilados na Eira de S. Sebastião.

³ Domingos de Melo foi o autor da «Memoria sobre a Decadência e ruína a que se acha reduzida a cidade de Lagos», apresentada nas Cortes a 19 de Maio de 1821, tendo sido impressa e editada. Publicou algumas obras sobre arte militar, fez a Guerra Peninsular e lutou ao lado dos liberais. Vide «Figuras Monchiquenses das Artes e das Letras (5). Domingos de Melo (1789-?)», *Jornal de Monchique*, 18.10.2002.

⁴ Rocha, op. cit. pp. 336-337.

⁵ Tem biografia in GEPB, vol. XVI.

⁶ Cf. Rocha, pp.336-337.

⁷ Nesta patente foi comandante do Corpo Franco Nacional do Distrito de Faro, composto por voluntários constitucionais (Chagas, op. cit.).

⁸ Deveria ser filho do capitão Ildefonso José Cochado, que depois foi presidente da C. M. Monchique.

⁹ Gascon, op. cit. p.77.

¹⁰ Rocha, p.254. Segundo este mesmo autor teria sido denunciado por um tal Vieira, que segundo parece era o capitão Vieira, natural de Monchique e activo na serra em 1833-1834.

¹¹ Livro de Despesas da Fábrica, 1803-1831, in Simões, op. cit. p.217.

¹² *Memória dos Desastrosos Acontecimentos de Albufeira por ocasião da Invasão dos Guerrilhas em Julho de 1833*, Lagos, 1873, p.79.

¹³ Gascon, p.79.

Segundo os assentos de óbitos as vítimas terão sido onze, contando-se entre elas o prior da freguesia Alexandre José Águas,¹⁴ António Cochado (filho do Capitão Ildefonso José Cochado), António Marques Carneiro, Francisco António Ferreira, Manuel Duarte, José da Costa, José Siroila (?), Manuel José Sério, e Diogo Pastos, e dois indivíduos de nome Domingos¹⁵.

A vila ficou doravante e durante alguns meses ocupada pelas tropas do *Remexido*, até que foi libertada pela contra-ofensiva do barão de Sá da Bandeira, em Fevereiro de 1834¹⁶.

Entretanto, a 20 de Março de 1834, o *Remexido* reunindo cerca de 500 homens¹⁷ montou uma emboscada no Vale da Mata, perto de Messines, ao Batalhão Móvel de Lagos, com «grande perda de mortos e feridos»,¹⁸ onde marchavam vários elementos das Ordenanças e milícias de Monchique¹⁹.

Depois de intenso tiroteio, de que resultaram 90 mortos, vários feridos e muitos fugitivos, foram aprisionados 62 elementos, que seriam enviados para as fortificações de Santarém, onde trabalharam como grilhetas.

Segundo informa Eduardo de Noronha no seu livro *O Remexido* (1922), citado por autores como José A. Guerreiro Gascon,²⁰ contavam-se entre os sobreviventes aprisionados, alguns monchiquenses, entre os quais o capitão-mor de Monchique, José Inácio Furtado, seu filho António José Águas Furtado²¹ e Luís Dias,²² que só após alguns meses de cativeiro seriam libertados pela Convenção de Évora Monte, assinada em a 26 de Maio de 1834, que pôs fim à guerra civil.

Todavia a mais estrondosa vitória miguelista seria imposta a Sá da Bandeira, por Tomás Cabreira e o *Remexido*, em Sant'Ana, a 24 de Abril desse ano, com enormes baixas²³.

Referindo-se a este período, e talvez também à guerrilha, João Baptista da Silva Lopes informa que Monchique perdeu 40 fogos e 380 almas com «a guerra civil que foi fatal a esta freguesia por seu espírito constitucional pela maior parte»²⁴.

A Guerrilha de 1836-1840

Segundo alguns biógrafos e historiadores, as razões que levaram o *Remexido* a voltar a pegar em armas deveu-se às humilhações, vinganças e perseguições a que ele e a sua família foram submetidos após a vitória liberal. Ele teve que se esconder na gruta do Barranco de Maria Bastos, sua mulher, foi humilhada publicamente com palmatoadas no Largo da Igreja, em Messines²⁵.

A guerrilha seria assim reactivada pelo *Remexido*,²⁶ a partir de Julho de 1836, sendo muitos dos seus homens vítimas ou testemunhas das cruéis perseguições aos vencidos²⁷. Esses motivos seriam mesmo expressos pelo jornal

¹⁴ Infelizmente não lhe valeu o facto de ter sido ele a casar José Joaquim de Sousa Reis *Remexido*, quando anos antes era ajudador em S. Bartolomeu de Messines.

¹⁵ Alguns dos apelidos são quase ilegíveis.

¹⁶ O comandante militar de Monchique terá sido o tenente Carvalho, natural da Mexilhoeira Grande, então do concelho de Monchique, facto alegado pelo alferes Joaquim António Colos, no conselho de guerra, que reunido em Monchique o condenou ao fuzilamento. Joaquim Colos foi um dos oficiais responsáveis pela tomada e ocupação de Monchique, em 1833-34.

¹⁷ *A Crónica Constitucional de Lisboa*, n.º 56, de 2809.1833, escrevia que as forças do *Remexido* eram compostas quase exclusivamente por «montanheiros».

¹⁸ *Correio do Porto*, n.º 78, 03.04.1834.

¹⁹ Segundo o *Correio do Porto*, n.º 74, de 04.04.1834, esta vitória valeu a José Joaquim de Sousa Reis a promoção a tenente do Exército, sendo na altura também o comandante operacional do Algarve Ocidental, enquanto o Algarve Oriental (a guerrilha de esquerda) estava sobre a alçada do major André Camacho Jorge Barbosa, coadjuvado pelo alferes-ajudante António Venâncio Ramos (morto em 1839). O major Camacho exilou-se no estrangeiro a partir da Convenção de Évora Monte e não regressou mais a Portugal.

²⁰ Gascon, pp.80-81; Vieira, p.59.

²¹ Futuro major da Guarda Nacional de Monchique, seria depois um tenaz perseguidor da guerrilha da serra, no comando de três companhias aqui aquarteladas. Nasceu em Monchique em 1815 e aqui faleceu 1914.

²² Que pelo apelido deveria ser oficial.

²³ Junto a esta ermida existe hoje um memorial da batalha.

²⁴ *Corografia do Reino do Algarve*, p.248. No cômputo das baixas liberais contou-se, entre 11 de Agosto de 1829 e 1 de Julho de 1834, 4273 mortos e 4643 feridos. A cólera *morbis* faria nas hostes miguelistas de Santarém 8 mil mortos entre soldados e oficiais (Machado e Cardoso, p.42).

²⁵ Segundo parece, o *Remexido* encontrou em Monchique o tenente Alberto António da Fonseca que ordenara essa punição (Pinto, p.131, notas), mas, segundo parece, que só alcançou a vingança em Benafim, tendo-se atirado a ele gritando: «não tornas a mandar palmatoadas em mulheres!» (Pinto, p.299).

²⁶ José Joaquim de Sousa Reis, *Remexido*, nasceu em Estombar (Lagoa), a 19 de Outubro de 1796, filho de um lavrador Joaquim José dos Reis e de Clara Maria do Carmo. Após a morte prematura do pai, quando tinha apenas sete anos, seria educado pelo seu tio o Pe. José Joaquim de Sousa, prior de Alcantarilha. Aos catorze anos entrou para o Seminário de Faro, de onde sairia após receber ordens menores e a autorização para pregar. Todavia acabou por abandonar a carreira eclesiástica para casar com Maria Clara Machado de Bastos, embora contra a vontade da família desta e do seu próprio tio. O feito valer-lhe-ia a alcunha de *Remexido*. Domiciliado em S. Bartolomeu de Messines, desenvolveu aí várias iniciativas de âmbito social que lhe valeram «a estima e a veneração daqueles povos», como se lê na sua Biografia, datada de 1838²⁶. Nesta cidade foi juiz da vintena, alferes e depois capitão de ordenanças. Era comandante dos terços de ordenanças de Silves, quando se deu o desembarque dos liberais em Cacela. A partir daqui dá-se o seu pleno envolvimento como comandante operacional do Algarve Ocidental, e chefe dos bandos de guerrilha que actuaram durante vários anos no Algarve e Baixo Alentejo. As suas vitórias e importância entre as hostes realistas levaram-no a ser feito brigadeiro e governador do Algarve, por D. Miguel. «Homem ardiloso, astuto e bastante

O Eco que lembrou que em matéria de humilhações, abusos e assassinatos «nenhuma província foi tão cruel como o Algarve»²⁸.

Pelas suas condições naturais a serra de Monchique oferecia à guerrilha miguelista excelentes meios de refúgio, defesa e mesmo de subsistência. «Amparados dos fortes bosques das serras» e conhecedores das «varedas dos mesmos quase intransitáveis», aí encontraram os guerrilheiros abundantes locais onde se escondiam e planeavam as audazes surtidas que faziam, estas quase sempre cobertas pela surpresa.

A guerrilha miguelista passou à ofensiva em Julho de 1836, com os ataques a Ourique, a S. Bartolomeu de Messines, Sabóia e Santa Clara-a-Velha.

O ataque a Messines fez sensação na imprensa da época, já que a guerrilha se evaporou «nas serrarias onde se acoitou, e a protecção de parte dos habitantes delas»²⁹.

Até final de 1836, foram assaltadas, sucessivamente, 16 povoações. Para além do saque, pereceram nesses ataques alguns dos liberais mais comprometidos.

No seu «Memorial de Operações» o Remexido anotou que em 1 de Dezembro de 1836 emboscou o destacamento de Monchique, na estrada do Zambujal, acrescentando que o inimigo logo que avistou as suas forças «se pôs em fuga precipitada, deixando o caminho cheio de bagagens e furtos que fizera»³⁰.

Para João Baptista da Silva Lopes, contemporâneo dos acontecimentos, quase todas as povoações do Algarve se fortificaram «humas com traqueiras, outras reparando os velhos muros que ainda existiam»³¹, temendo as investidas repentinas dos grupos de guerrilha.

Em Novembro de 1837, o jornal *O Eco* refere-se à guarnição militar de Monchique, a qual tinha recebido ordens para estar preparada para socorrer Faro, caso fosse necessário³².

A povoação de Alferce foi assaltada pelo menos duas vezes, uma das quais pelo grupo do temível alferes *Ruivo*, o que fez com que fosse protegida permanentemente por um destacamento da Guarda Nacional de Monchique.

O guerrilheiro António da Silva Tibúrcio, levado a conselho de guerra, em Dezembro de 1838, afirmou que tinha assistido «aos horrorosos crimes de morte de Alferce»³³.

Ofir Chagas alude a uma manobra de diversão do Remexido, ao atacar, no início de Dezembro de 1837, a Perna da Negra e outras povoações de Monchique, a fim de aliviar o cerco liberal às suas forças.

Tendo o comandante do contingente mobilizado da Guarda Nacional de Monchique sabido que o *Remexido* tinha atacado Aljezur, na noite de 20 de Dezembro de 1837, «saiu no dia 22 com 40 praças do contingente, 20 de Infantaria 4, e 6 de Cavalaria 4, marchando na direcção de Marmeleite, por ter tido aviso de que a guerrilha se havia encaminhado para a Ribeira do Odelouca e o Monte do Zebro. Nestas imediações foram apenas encontrados 4 guerrilhas, tendo o movimento malogrado (...)»³⁴.

A 25 de Abril de 1838 o Remexido seria mesmo avistado pelo coronel António Cabral de França, no Monte do Pomarinho, a duas léguas a sudoeste de Monchique, comandando uma força de mais de cem homens, que de imediato rompeu com fogo cerrado sobre os liberais, desaparecendo em seguida³⁵.

O coronel José Fontoura querendo dar ele próprio caça ao caudilho colocou-se à frente de uma coluna que percorreu as serras da região, entre as quais a do Alferce, Foz do Carvalho, tendo localizado apenas os locais dos acampamentos³⁶. Este oficial daria ordem para que todos os ferreiros e ferradores da serra fossem viver para as povoações onde havia guarnições militares a fim de diminuir o peso da cavalaria miguelista³⁷.

No respeitante à freguesia do Alferce a guerrilha não parece ter interferido muito com a população local, pois tinha em 1837 mais quarenta moradores e mais nove fogos do que em 1828³⁸.

conhecedor dos atalhos e veredas da serra», como o retratou João Baptista da Silva Lopes, o seu aparecimento e desaparecimento constituiu um quebra-cabeças para as tropas liberais durante quase uma década. Foi finalmente preso na Portela da Corte das Velhas, a 28 de Julho de 1838, tendo morrido fuzilado em Faro no dia 2 de Agosto desse ano.

²⁷ Nomeadamente os frades e seus dependentes, abrangidos pela Lei de 28.05.1834, de Joaquim Augusto de Aguiar, *O Mata-Frades*.

²⁸ Segundo o deputado Franzini, entre Julho de 1833 e 1838, houve no Algarve 285 assassinatos e 509 roubos.

²⁹ *Diário do Governo*, 03. 09.1836.

³⁰ Machado e Cardoso, p.137.

³¹ *Corografia do Reino do Algarve*, p.18.

³² *O Eco*, de 18.11.1837.

³³ Machado e Cardoso, pp. 193-194.

³⁴ *A Biographia do Remexido*, 1892, p.43.

³⁵ Pinto, p.253.

³⁶ *Biographia do Remexido*, 1892, p.45.

³⁷ Idem.

³⁸ Lopes, 1841. Mapa n.º 2 da população.

O quartel-general do Remexido, situado alegoricamente «na Serra» ou «nas Serras» foi quase sempre móvel, tendo estado durante alguns períodos localizado algures no concelho de Monchique.

O *Remexido* seria capturado a 28 de Julho de 1838, na Portela da Corte das Velhas,³⁹ pelo capitão Manuel Maria Cabral. Levado a julgamento foi condenado à morte e fuzilado em Faro.

Entretanto, Manuel da Graça Reis *Remexido*, alvorado em novo caudilho tinha assumido o comando da guerrilha, que em tom de vingança da morte do seu comandante redobrava de ferocidade.

O primeiro-sargento miguelista Domingos Rozendo, pertencente à unidade do tenente Joaquim Nogueira Camacho,⁴⁰ foi capturado em Fevereiro de 1840 no confronto de Perna da Negra, facto que confirmou no conselho de guerra que o condenou à morte⁴¹.

Também o guerrilha António Pacheco, levado a conselho de guerra, no início de 1840, foi aprisionado numa emboscada falhada que se preparava contra o destacamento de Alferce, comandado pelo alferes Ventura⁴². Afirmou na altura, que a 15 de Agosto de 1839 participara também no fogo da Perna de Traz contra uma força do destacamento de Monchique, ataque esse comandado pelo tenente Joaquim Camacho⁴³.



O Remexido preso pelo capitão Manuel Cabral

Nesta altura já Manuel da Graça Reis *Remexido* tinha sido detido, encontrando-se a guerrilha na fase de desagregação, embora ainda chefiada pelo brigadeiro barão de Almodôver.

É da tradição que na freguesia de Marmete se deram combates pelos menos nos sítios de Marianes, Serro dos Picos e Malhada Velha⁴⁴.

Em Monchique organizaram-se alguns conselhos de guerra, que com base na Carta de Lei de 19 de Dezembro de 1834, condenaram ao fuzilamento vários guerrilheiros. Os processos estão depositados no Arquivo Histórico Militar, podendo ainda ser confirmados pelos livros de óbitos.

Um dos condenados foi o aguerrido alferes Joaquim António Colos, natural da freguesia de Colos, Odemira, que terá sido comandante militar de Monchique, capturado em Dezembro de 1838 pela 2.^a Companhia da Guarda Nacional de Monchique, sob o comando do capitão Isidoro António de Almeida, às ordens do major António José Águas Furtado. O conselho de guerra decorreu na sala do presidente da Câmara Municipal, José Inácio Furtado,⁴⁵ sob a presidência do tenente-coronel Francisco Corrêa de Mendonça (Pessanha),⁴⁶ comandante da 1.^a secção militar, que na altura se encontrava aquartelada em Monchique⁴⁷.

³⁹ Situada entre Alferce e S. Bartolomeu de Messines, junto à Barragem do Funcho.

⁴⁰ Era comandante do «Destacamento da Serra de Monchique» em 1839-1840. Foi morto em 1840.

⁴¹ Machado e Cardoso, pp. 210-213

⁴² Oficial do «Destacamento da Serra de Monchique», foi morto em Mértola, em Janeiro de 1840.

⁴³ Machado e Cardoso, pp. 206-209.

⁴⁴ Recolhido de fonte oral.

⁴⁵ José Inácio Furtado foi último capitão-mor de Monchique. Tendo aderido oportunamente à causa liberal, foi depois nomeado major da Guarda Nacional, cargo que passaria depois a seu filho António José Águas Furtado.

⁴⁶ Nasceu em Lagos em 1775, onde assentou praça como soldado, distinguiu-se na Guerra Peninsular e na luta contra os franceses no Algarve. Depois destes se retirarem, em 1808, salvou várias pessoas importantes de Monchique, que o povo acusava de terem colaborado com os franceses. Corajoso e autoritário defendeu com êxito, em 1833-1834, a praça de Lagos contra o Remexido.

⁴⁷ Machado e Cardoso, pp.190-193.

A 20 de Janeiro de 1840 foram aqui condenados e justicados dois guerrilheiros capturados pelas tropas de Monchique, de nomes Baltazar Moreira, natural de Lagos, e José da Silva, natural de Messines⁴⁸.

Embora sejam cada vez mais raras ainda hoje existem algumas fontes orais, vindas das pessoas mais idosas, que aludem às incursões e escaramuças que a guerrilha do Remexido travou na serra de Monchique, contra as tropas liberais. Conta-se que ouviram da boca dos seus antepassados que os *guerrilhas* tinham atacado este ou aquele lugar, ou travado combates neste ou naquele sítio. Estes registos, que por vezes vinham de testemunhas oculares, nem sempre se encontram documentados, o que não impede que sejam tomados em conta.

Miguelistas Monchiquenses

O fenómeno da guerrilha, que de 1833 a 1841 tantos danos e prejuízos causou no Algarve e Baixo Alentejo, prolongando as monstruosas destruições das Invasões Francesas e da Guerra Civil, assumiu a forma de uma autêntica luta do campo contra os centros urbanos do litoral. De facto a origem dos guerrilhas esteve sempre nos meios rurais e os seus chefes eram na maior parte oriundos de famílias de proprietários rurais, onde se incluíam os próprios padres.

Dos concelhos do interior do Algarve, Monchique terá sido o que menos efectivos forneceu à guerrilha realista. Isto explica-se pelo facto das terras estarem nas mãos de grandes proprietários liberais – as famílias Águas, Cochado, Duarte, Furtado, Mascarenhas, Melo, Pacheco, etc., a maioria deles militares ligados ao negócio e exportação de produtos agrícolas e florestais e aos centros urbanos do litoral, nomeadamente a Lagos e Portimão, que tinham os homens constantemente enquadrados em companhias de Ordenanças e Milícias.

Daí que Monchique quase não figure entre as terras donde provinham os elementos da guerrilha. Temos apenas notícia do major de milícias Francisco Guerreiro de Brito⁴⁹ que poderá ser o mesmo referenciado nos documentos como comandante de uma divisão «a divisão do Brito»; o capitão Vieira (que deve ser o mesmo que mandou assassinar o proprietário da Mexilhoeira Grande, António Casquilho⁵⁰; o tenente Carvalho,⁵¹ governador militar de Monchique em 1833-34, natural da Mexilhoeira Grande, então freguesia deste concelho; o soldado António Pacheco, também natural da mesma freguesia, fuzilado por decisão do Conselho de Guerra, em S. Teotónio, Odemira, a 8 de Fevereiro de 1840; e o “Major da Figueira”, João Baptista Corrêa.

De facto, Silves, Loulé, e Odemira (Baixo Alentejo), foram os concelhos que mais contribuíram para engrossar os diversos grupos de guerrilha que durante quase uma década impediram a paz social na maior parte do Algarve e Alentejo.

Por último urge aqui recordar uma figura mais lendária do que histórica. Trata-se de Joana Mendes (ou *Jina*), que segundo alguns autores era natural do concelho de Monchique e cujo nome ficou na toponímia local. Consta-se que terá sido companheira do Remexido e segundo reza a tradição, pereceu ao lado de vários guerrilhas, num confronto contra os liberais, dias antes do seu companheiro ser capturado.

Liberais Monchiquenses

Para além das figuras liberais já citadas, há que acrescentar: o capitão Veríssimo José Furtado, que capturado pela guerrilha foi preso na Figueira e fuzilado na Senhora do Verde⁵²; e o capitão José Pacheco Águas, comandante da 1.^a Companhia da Guarda Nacional de Monchique, unidade monchiquense que lutou contra a guerrilha.

Em Alvor seria assassinado o médico José Lino de Almeida Coelho, pai do futuro 1.^o Visconde de Bivar, que era filho do monchiquense, fidalgo de cota de armas e juiz desembargador, Francisco José de Almeida Coelho⁵³.

A estes acrescentaríamos ainda os dois filhos de Baltazar Callapez, fuzilados por ordem do Remexido. Um outro Callapez⁵⁴ logrou escapar-se depois de se ter escondido no altar-mor do convento, cobrindo-se com o manto de N.^a S.^a do Desterro⁵⁵.

⁴⁸ ADF. Liv. Óbitos, 1827-1956. Receberam os sacramentos do pároco Francisco da Paula Gaivão, que não se esqueceu de referir o fuzilamento e a Lei que os condenou.

⁴⁹ Gascon, p.380.

⁵⁰ Rocha, p.285.

⁵¹ Deveria ter outro apelido, ou alcunha, pois sobre ele não encontrei mais referências, da mesma maneira que desconheço o seu nome completo.

⁵² Rocha, pp.386, 389.

⁵³ José Rosa Sampaio, *O Fidalgo Monchiquense Francisco José de Almeida Coelho (1744-1803) e o seu Palácio de Portimão*, Portimão, 2005.

Francisco Silvestre Rocha, que foi prior de Monchique esteve detido no limoeiro até a tomada de Lisboa⁵⁶.

Os liberais ficariam gratos a várias pessoas de Monchique, pela maneira como protegeram os refugiados escondidos na serra, sobretudo os militares, civis e eclesiásticos atingidos pelas devassas de 1823 e 1828⁵⁷.

Joaquim Callapez protegeu e sustentou a família do Pe. António Caetano da Costa Inglês, pronunciado em 1828, facto que este depois de libertado recompensou chamado para Lagos um dos seus filhos, o qual educou gratuitamente no colégio que então criou naquela cidade⁵⁸.

Bibliografia

- BIOGRAPHIA do Remexido*, Lisboa, 1838.
BIOGRAPHIA do Remexido, Tavira, 1892.
CHAGAS, Ofir, *Remexido: Guerrilheiro Realista do Algarve*, Edição de autor, 1997.
GASCON, José António Guerreiro, *Subsídios para Monografia de Monchique*, Portimão, 1955.
LOPES, João Baptista da Silva, *Corografia do Reino do Algarve*, Lisboa, 1841.
MACHADO, António do Canto, e António M. Cardoso, *A Guerrilha do Remexido*, Europa-América, s/d.
MEMORIA dos Desastrosos Acontecimentos de Albufeira por ocasião da Invasão dos guerrilhas em Julho de 1833, Lagos, 1873. Foi recentemente reeditada pela Alfa.
NORONHA, Eduardo de, *O Remexido*, Porto, 1922.

⁵⁴ Os Callapez eram oriundos da Catalunha e vieram para Monchique no início do século XIX, juntamente com os Rodrigues Villas-Boas e Sampaio, tendo continuado uma imigração que vinha do tempo dos Filipes, representada pelas famílias: Agoas, Águia, Andrez, Duarte, Furtado de Mendonça, Gascon, Louzeiro, Nunes, etc. Alguns dos elementos destas famílias, nomeadamente os Agoas, Callapez, Duarte, e Sampaio, tiveram grande protagonismo no governo da autarquia nos séculos XIX e XX.

⁵⁵ Gascon p.79.

⁵⁶ Rocha, p.372.

⁵⁷ Idem, p.303.

⁵⁸ Idem, p.266.

- PINTO, José M. Castro, *O Remexido, entre a Guerra e o Amor: um Herói da Guerra Civil*, Plátano Editora, Lisboa, 2005.
- REMEXIDO: Jornadas e Exposição*, Arquivo Municipal de Lagoa, Lagoa, 2005.
- ROCHA, Manuel João Paulo, *Monografia de Lagos (1909)*, Algarve em Foco Editora, Faro, 1991.
- SAMPAIO, José Rosa, «A 1.^a Invasão Francesa de 1807-1808», *Jornal de Monchique*, 04.10.2001.
- SAMPAIO, José Rosa, «A Guerrilha do Remexido no Concelho de Monchique», *Jornal de Monchique*, n.º 230, de 20.12.2001 e n.º 231, de 24.01.2002.
- SAMPAIO, José Rosa, *A Guerrilha do Remexido no Concelho de Monchique*, Monchique, 2006.
- SIMÕES, João Miguel, *A Igreja de Nossa Senhora da Assumpção da Mexilhoeira Grande*, Colibri, Lisboa, 2005.
- VIEIRA, Pe. José Gonçalves, *Memória Monográfica de Vila Nova de Portimão (1911)*, Reedição fac-similada, J.F. de Portimão, Portimão, 1996.